Notas sobre algumas estações lusitano-romanas

Pelo

DOUTOR MANUEL HELENO

Professor Catedrático da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnológico

II — *MOSAICO DE S. MIGUEL (GOLEGÃ)*

No dia 15 de Fevereiro de 1945, chamei a atenção do Ex.mo Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes para uma local no *Diário de Notícias* dessa data, referente ao aparecimento dum mosaico romano nas proximidades da Golegã, numa propriedade do Sr. José da Guia Carmo Caixinha. Designado para relator em 2 de Março, ali estive no dia 15 do mesmo mês.

A 2 Km da Golegã, para o lado NW e junto à Quinta dos Álamos, encontra-se um sítio chamado S. Miguel.

O seu nome provém de ter existido no local uma capela dessa invocação, destruída acerca de 20 anos, e com a particularidade de ser no seu adro que, a 29 de Setembro, se ajustavam os criados de lavoura da região.

Ali possuía o Sr. José da Guia Carmo Caixinha uma propriedade, à volta da qual o povo teceu várias lendas: À meia-noite se podia ver na mesma uma moira penteando a sua farta cabeleira.

A existência de entulhos com antigos materiais de construção, o aparecimento de alicerces quando se abriu no sítio um poço, o encontro de

ossadas quando em local próximo se construíu a malhada da Quinta dos Álamos justificavam a lenda.

Em meados de Janeiro de 1945, começou o Sr. Caixinha a abrir covas para um pomar e foi surpreendido pelo aparecimento à profundidade de 0,70 m dum mosaico romano, o qual se dispunha em comprimento de NW para SE, abrangendo uma área de 9,5 m × 6,5 m.

A estrutura do seu assentamento atingia a profundidade de 0,80 m.

A notícia propalou-se e acorreu ali muita gente, não faltando os vândalos. Até de noite foram cavar à procura de tesouros. Resultado: O mosaico sofreu grandes destruições. Não estava porém já completo. Ao dispor-se a superfície inclinada do terreno em socalcos para facilitar o amanho, destruíu-se possìvelmente parte do que faltava.

O aterramento, a que procedeu acertadamente o proprietário, salvou alguns fragmentos, um dos quais tive ocasião de observar. A sua decoração não era vulgar: desenhos feitos em branco, sobre fundo negro, mostravam hastes com folhas e enroladas em espiras, muito bem delineadas e de belo aspecto. Tal processo de decoração não me parece frequente.

O mosaico fazia parte da construção que se estendia à sua volta e de que há vestígios nos materiais que ali apareceram:

1) Telhas, do tipo «imbrex» e «tegula»;

2) «Lateres», das seguintes variedades:

   a) Tijoleiras com 0,042 m × 0,027 m × 0,042 m, marcadas com sinais feitos com dedos, às vezes de figuração caprichosa (forma de pião);

   b) Tijolos para colunas, com a espessura de 0,04 m e 0,08 m;

   c) Tijolos para ladrilhar, com encaixe, com a largura de 0,021 m, espessura 0,04 m e comprimento 0,23 m.

3) Boca de ânfora, fragmentos de vasilha com asa, e talvez de «dolium»;

4) Cinzas, conchas de ostra e fragmentos de «opus signinum»;

5) Moedas, quase na sua totalidade na posse dum professor do Liceu de Santarém. Obtive porém uma: um bronze de Marco Aurélio Severo Alexandre, ou seja portanto da primeira metade do século III, a que possìvelmente se reportará o achado.

(Continua)